Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba
Ano VIII • n. 338 • Uberaba/MG • Outubro de 2007

UNIUBE
Educação e responsabilidade social

Edição
Especial

Crônicas para um mundo cínico

issuu-downloader.com

Editorial

Editorial-crônica

Certo dia, um de meus parafusos soltos tilintou diferente e me enroscou uma idéia na cuca: que tal fazer um **Revelação** especial de crônicas? Pode ser uma experiência interessante – sussurraram alguns alunos. Ao fazer a proposta para a turma do 3º período, eles toparam no susto! *Uai, só crônica?* Na verdade, todos já estavam bastante entusiasmados com as possibilidades expressivas dessa modalidade jornalística. *Uai, então tá!*

Nas aulas de Jornalismo Impresso vimos que a liberdade da crônica ajuda a exercitar a criatividade, a aguçar a percepção de mundo e a sacolejar o jornalismo com um gingado todo especial. A crônica estimula a percepção das belezas simples da vida, incentiva um malabarismo crítico diferente e contribuiu para a reflexão matreira sobre os cochichos, os boatos e os encantos ordinários que animam a banalidade da vida. A crônica pode ser produzida em momentos de vagabundagem mental, de ócio criativo, de preguiça intelectual ou até de ressaca moral. Pode falar sobre o nada, sobre a chuva, sobre a teta da vaca ou sobre si mesmo. *Vamos?*

E foi assim. Para elaborar essa edição, cada um escolheu um tema contemporâneo e teclou à vontade. Na hora da edição, colocamos os textos para namorar; aí foi pintando um clima, rolou umas afinidades, as crônicas foram se casando e pronto. Na cereja do bolo, faltava somente um editorial em estilo crônica, com um texto meio circense, bem na linha editorial do jornal. Mas isso não tivemos coragem de fazer, porque sabemos que editorial é coisa séria e tem a responsabilidade de registrar a opinião institucional do jornal. E com isso não se brinca jamais! ;)

> *“A crônica pode ser produzida em momentos de vagabundagem mental, de ócio criativo, de preguiça intelectual ou até de ressaca moral.”*

Pâmela Mendes Moreira
2º período de Publicidade

Zzzzzzzzzz...

(Ins)piração...

Sobre o conflito entre as minhas aspirações profissionais e a obrigação de escrever sem vontade

Adynne Lemes
3º período de Jornalismo

Escrever não deveria ser uma obrigação. Não deveria haver um número mínimo de linhas e, principalmente, um número máximo de linhas. E não deveria haver um prazo final de entrega: que mudem os *deadlines* dezenas de vezes, porque não se sabe quando a inspiração vai chegar e muito menos em quantas linhas vai se apresentar.

Mas o certo é que um dia ela chega; e daí, meu amigo, não importa se você está tomando banho, esperando o ônibus, assistindo televisão ou no cinema, essa é a hora certa de escrever, mesmo que seja em um lenço de papel, ou em um papel de bala... escreva.

Falando nisso, sempre tive vontade de me inspirar em um restaurante. Sempre gostei da idéia de anotar meus pensamentos em um guardanapo, enquanto tomava um café, mesmo porque tomar café é algo tão “jornalista”...

Reprodução

O problema é que eu pouco vou a restaurantes; sou cliente assídua de *fast foods* e, o mais triste, e que joga pelo ralo meu sonho profissional: eu não gosto de café! Já tentei, experimentei mais doce, mais amargo, *capuccino*, café com chantilly, mas não adianta... Eu não tenho vocação pra café.

Tudo bem, me conformo em ter uma inspiração no Mc Donald’s ou o Bob’s, enquanto tomo um *milkshake* de morango com cobertura de chocolate. Pode até não ser tão romântico quanto o café (e desde quando café é romântico?), mas com certeza é bem mais saborooooooso...

Bom, o fato é, que se atrasem os jornais, que seja preciso acrescentar duas, três, quatro páginas, ou quantas mais forem necessárias, porque escrever por obrigação e com limitações, além de não ter graça, vai ser apenas escrever, contar as linhas e ACABOU!

Revelação - Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Uniube • Reitor: Marcelo Palmério ••• Pró-reitora de Ensino Superior: Inara Barbosa ••• Coordenador do curso de Comunicação Social: Raul Osório Vargas ••• Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar ••• **Revelação** • Professor orientador: André Azevedo da Fonseca (MTB MG-09912JP) ••• Produção e edição: Alunos do 3º período de Jornalismo ••• Estagiária (diagramação e edição): Graziella Tavares ••• Revisão: Márcia Beatriz da Silva e Celi Camargo ••• Impressão: Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação** • Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Sala 2L18 - Av. Nene Sabino, 1801 - Uberaba - MG - 38055-500 • Telefone: (34) 3319 8953 ••• E-mail: revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Falta de assunto...

Algumas linhas sobre o nada

E quando a gente se depara com o vaziiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiio de nossas mentes?

Adynne Lemes
3º período de Jornalismo

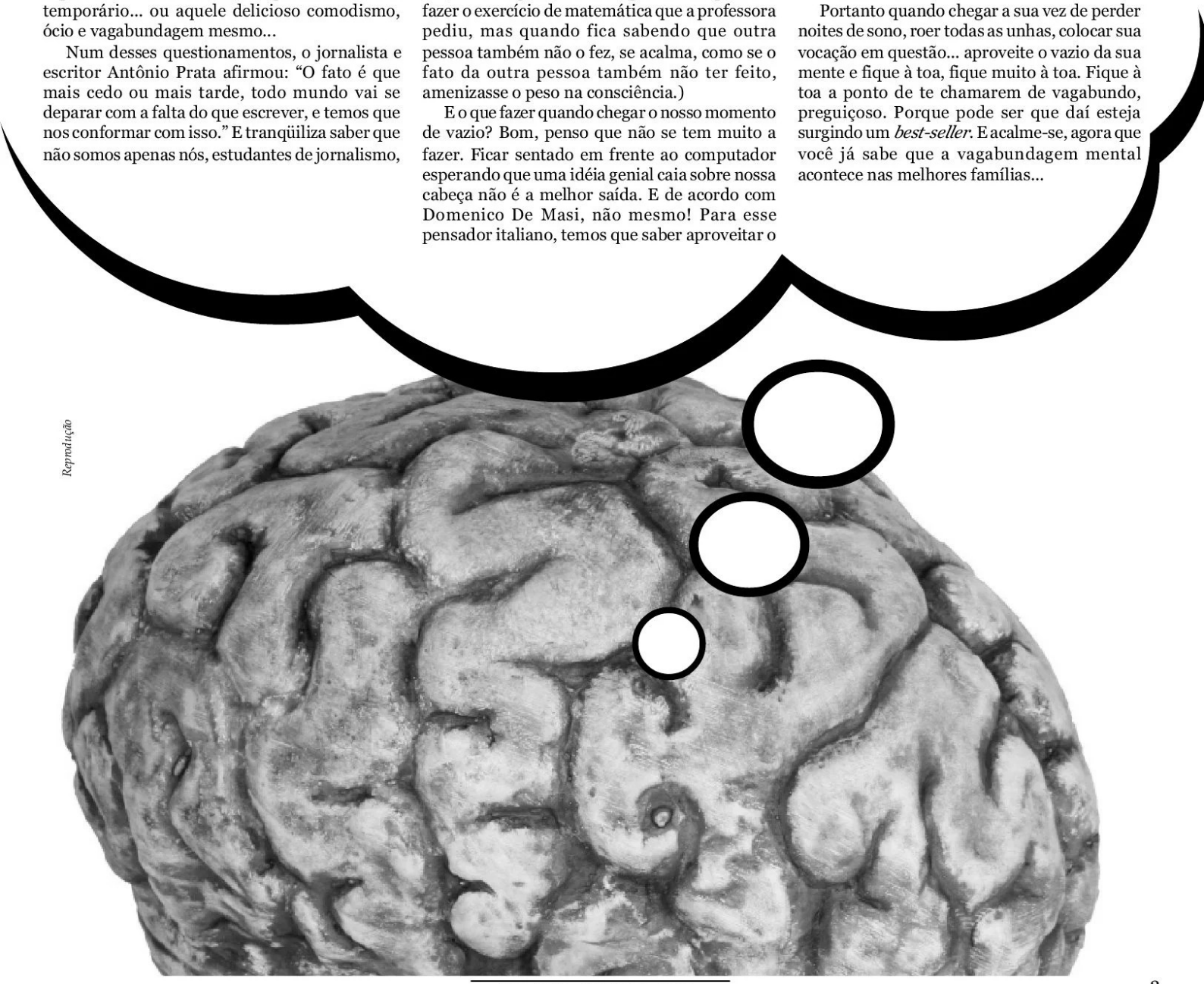
Diversos autores já pensaram sobre a idéia de não ter nada para escrever. Questionaram se seria esgotamento dos assuntos, ou apenas um branco temporário... ou aquele delicioso comodismo, ócio e vagabundagem mesmo...

Num desses questionamentos, o jornalista e escritor Antônio Prata afirmou: "O fato é que mais cedo ou mais tarde, todo mundo vai se deparar com a falta do que escrever, e temos que nos conformar com isso." E tranqüiliza saber que não somos apenas nós, estudantes de jornalismo, que encontramos dificuldades de passar nossas idéias pro papel. Ninguém quer ficar com o título de 'sem criatividade', 'preguiçoso' ou 'irresponsável' sozinho, como se a falta de idéias fosse um defeito exclusivamente nosso.

(É como quando no colégio você esquece de fazer o exercício de matemática que a professora pediu, mas quando fica sabendo que outra pessoa também não o fez, se acalma, como se o fato da outra pessoa também não ter feito, amenizasse o peso na consciência.)

E o que fazer quando chegar o nosso momento de vazio? Bom, penso que não se tem muito a fazer. Ficar sentado em frente ao computador esperando que uma idéia genial caia sobre nossa cabeça não é a melhor saída. E de acordo com Domenico De Masi, não mesmo! Para esse pensador italiano, temos que saber aproveitar o tempo livre que temos, o nosso ócio. Porque é daí que saem nossas melhores idéias. "É no tempo livre que passamos a maior parte de nossos dias, e é nele que devemos concentrar nossas potencialidades", afirma o autor de *O ócio criativo.*

Portanto quando chegar a sua vez de perder noites de sono, roer todas as unhas, colocar sua vocação em questão... aproveite o vazio da sua mente e fique à toa, fique muito à toa. Fique à toa a ponto de te chamarem de vagabundo, preguiçoso. Porque pode ser que daí esteja surgindo um *best-seller*. E acalme-se, agora que você já sabe que a vagabundagem mental acontece nas melhores famílias...



Reprodução

issuu-downloader.com

Penso, logo desisto...

Quem disse que quem não pensa não existe, não fui eu...

Lílian Veronezi
3º período de Jornalismo

Como é bom chegar em casa após um dia de trabalho e ver uma cadelinha, com mais de quatorze anos, abanando um toquinho de rabo e expressando felicidade ao te ver. Essa sensação é quase cotidiana para todos aqueles que possuem um cachorro de estimação. E ainda dizem que estes animaizinhos agradáveis e inteligentes são irracionais...

Pois bem, me questiono há muito tempo se não possuir um polegar opositor faça diferença no mundo de hoje. Onde a irracionalidade de certos seres humanos assusta até mesmo o papagaio da vizinha. Eu nunca vi, em meu estado de perfeita sanidade, um "animal irracional" se alistando, por exemplo, para ser um *gato-bomba* ou um *grilo kamikase*.

Mas a discussão que eu quero levantar não é sobre a irracionalidade humana. O caso é o seguinte: sabe aquelas frases que um professor de filosofia falou em sala de aula e você não consegue esquecer? Foi o que aconteceu comigo. A tal frase "Penso, logo existo" do filosofo *René Descartes,* me fez refletir sobre a existência de um ser irracional.

Agora, todos os dias que chego e vejo a minha cachorra deitada e implorando com os olhos um carinho, hesito no primeiro momento. Já no segundo, me pergunto se não tomei a pílula vermelha do Matrix. Pois, seguindo uma lógica racional, para existir o ser tem que pensar, mas, se este ser for irracional e não possuir o polegar opositor, ele não pensa – portanto ele não existe. Mas o que diabos é aquela cadela latindo lá fora para alguém abrir o portão? E aqueles quatro gatos que a minha mãe arrumou e que miam quando querem comida? E o peixe Juninho, que foi embora pelo ralo da cozinha por descuido da minha tia? Onde estão os seres irracionais deste planeta? Na imaginação?

Sei que quanto mais eu penso sobre isso, menos eu quero existir. E menos ainda quando eu penso no aquecimento global ou na paz do mundo. Já os cachorros, gatos, papagaios, peixes e etc. não estão nem ligando para o que um filósofo disse. A questão dessa harmonia dos seres irracionais deve estar justamente em "não pensar". Não pensar em pagar conta, se o salário vai durar até o fim do mês ou quem vai ser o novo presidente.

Mas que tem alguma coisa estranha nisso tudo, ah se tem...

> *"Para existir, o ser tem que pensar. Mas se um ser irracional não pensa, ele não existe? Mas o que diabos é aquela cadela latindo lá fora para alguém abrir o portão?"*

Reprodução

issuu-downloader.com

A copa de 2014 é nossa?

Profecia

Saulo Araújo Aguiar
3º período de Jornalismo

Em um comunicado oficial, a FIFA anunciou, no dia 25 de fevereiro de 2013, que o Brasil não tem condições estruturais e principalmente políticas para receber um evento como a Copa do Mundo. "É entristecido e decepcionado que venho anunciar que o país com maior número de conquistas no futebol, do melhor jogador de todos os tempos e que mais cedeu craques ao planeta, não tem a menor condição de realizar uma Copa do Mundo." Esse foi o pronunciamento de Joseph Blaiter, presidente da FIFA, a maior instituição do Futebol.

Após seis anos do anúncio oficial do Brasil como sede da Copa de 2014 e depois de 9 bilhões de reais em investimentos, as cidades escolhidas como sedes ainda estão em obras. Em metrôs, rodovias, aeroportos, hotéis, estádios, em toda infra-estrutura que seria necessário para realização do evento, os operários estão parados. O estádio Maracanã, maior palco do futebol mundial, é o retrato da incompetência e da corrupção dos políticos brasileiros. Jogado ao chão para ser reconstruído, o estádio se encontra pela metade há quase dois anos. Estima-se que pelo menos 3 bilhões de reais já foram desviados. Vergonha, tristeza, revolta e raiva é o sentimento de uma nação. Milhares de pessoas estão nas ruas protestando pela copa perdida. Não existe mais divisão de classe social, não existe mais preconceito de cor, raça, religião ou de opção sexual; o país se unificou.

Não perdemos nos gramados, como em 1950, perdemos para os ladrões que estão no comando do país. Os protestos desta vez vieram em forma de ataque: carros e ônibus incendiados, lojas saqueadas e depredadas, monumentos históricos destruídos, prédios públicos invadidos, tiros, gritos e explosões pelas ruas. Policiais armados e militares em tanques e aviões de guerra espalhados pelas cidades não conseguem deter a revolta da população. Depois de 500 anos de corrupção o brasileiro acordou! Desta vez "pisaram no calo", mexeram no coração, na alma, tiraram a maior paixão do brasileiro. Os cantos, que antes eram ouvidos nos estádios, agora estão nas ruas, mas incentivando a revolta social. A presença de crianças no meio da multidão inibe os policiais. O país é do povo! – esbravejam os manifestantes. É o que realmente está acontecendo. Cerca de 130 municípios já pediram ajuda às forças armadas, mas militares são insuficientes. Senadores, deputados, governadores e o presidente da república encontram-se em uma sala no palácio do planalto e até o momento não se pronunciaram. Do lado de fora, o povo ameaça invadir. Tiraram o futebol do país do futebol, e isso o brasileiro não aceita. Estamos em guerra; agora não adianta lamentar.

Neste ano de 2007, autoridades e políticos têm o compromisso e a responsabilidade de preparar o Brasil para receber a Copa de 2014 e, de quebra, alavancar a economia, oferecer segurança e conforto para a sociedade. Mas, se falharem, o mundo vai conhecer o verdadeiro significado da palavra guerra civil.

"Neste ano de 2007, autoridades e políticos têm o compromisso e a responsabilidade de preparar o Brasil para receber a Copa de 2014 e, de quebra, alavancar a economia, oferecer segurança e conforto para a sociedade."

Reprodução

issuu-downloader.com

Isso é Brasil?

Vida pirata

Josuá Barroso Oliveira
3° período de Jornalismo

Chego em casa apressado. Preciso ver, no computador, se terminou o *download* da terceira versão pirata do "Tropa de Elite". O filme ainda não lançado oficialmente está sendo muito comentado e já foi visto por 15 milhões de pessoas: muito mais do que qualquer bilheteria de estréia em cinema de qualquer outro filme no Brasil.

Acesso a Internet com o *Explorer* falso dentro de um *Windows* pirata e começo a digitar esta crônica no *Microsoft Word 2007* de um *Office* que não é original. Na minha pasta pessoal intitulada de "MP3" ouço todas as músicas que quero, no momento que quero, e não paguei nada por elas. Agora, vou acessar um site hospedado no exterior que, por essa razão, não está sujeito às penalidades de pirataria previstas na legislação brasileira, e *baixar,* na íntegra, a revista *Veja* que saiu ontem.

Sinto-me na supremacia da esperteza humana, tudo isso sem mencionar os perfumes, as roupas, os óculos que às vezes são até adquiridos como sendo originais em preços super promocionais que, na verdade, também são falsificados.

Tudo certo. O mundo *evolui* mais a cada momento que se passa e eu vou vislumbrando o dia em que não terei que comprar mais nada! Será perfeito! Tenho tudo o que quero sem que a mim seja gerado nenhum ônus.

Pego o carro, vou passear um pouco. Antes, passo na padaria e tomo aquele copo de leite puro como de costume e ainda como um pão com muçarela – não é a combinação mais habitual, mas gosto assim.

> "*Acesso a Internet com o* Explorer *falso dentro de um* Windows *pirata e começo a digitar esta crônica no* Microsoft Word 2007 *de um* Office *que não é original.*"

Novamente tudo certo até o carro emperrar. Não anda, não liga mais, não faz nada. O mecânico deu o parecer: *"gasolina adulterada"*. É um absurdo! Onde vai parar este país que nem mesmo num posto de gasolina pode-se confiar? Pago o combustível que uso, trabalho para isso, ainda terei gastos com a troca do motor. Depois dessa notícia, o melhor a fazer é voltar para casa, de táxi – mais gastos. Ligo a TV e assisto ao telejornal que me diz na chamada principal que o leite que tomei na padaria continha soda cáustica e água oxigenada! É estranho sentir-se loiro por dentro e é pior saber que a muçarela também está adulterada.

Este país está uma corrupção só, não dá mais para viver em meio a tantas fraudes que nos matam aos poucos. Mas, depois desse dia de cão, o melhor que faço é ligar novamente o computador e ouvir um MP3, só pra relaxar um pouco...

Pâmela Mendes Moreira
2° período de Publicidade

"Ctrl C", "Ctrl V"

Crônica não pirateada

Daiane Leal Gomes
4° período de Jornalismo

Quem algum dia nunca comprou ou usou um produto pirata que atire a primeira granada. Em um mundo em que você tem a possibilidade de comprar utilitários genéricos por um preço acessível, é obvio que vamos optar pelo mais barato. Mas aí vem aquele pesinho na consciência: e a qualidade? E logo em seguida já esquecemos nossa consciência... *ah, qualidade para que? Vou usar por pouco tempo mesmo... ah, nem preciso de tanta qualidade... é coisinha à toa mesmo...* e assim, com esse pensamento, produtos pirateados vão cada vez mais sendo produzidos e consumidos. Está certo, tem a questão de empregos, impostos que o país deixa de ganhar, blá, blá, blá... e novamente a consciência e o egocentrismo entram em conflito... *Ah, desempregos e impostos são problemas do governo; vou garantir minhas economias.*

Graças à Internet e à mente criativa do ser humano, coisas incríveis acontecem na arte da pirataria. Filmes que ainda nem foram lançados no cinema já se consegue assistir em primeira mão, no conforto dos lares. Aí me pergunto: será que um dia os cinemas serão extintos? E as gravadoras, aonde irão parar? Pois é, são perguntas para as quais as respostas virão só no futuro, e não num futuro muito distante, pois dia a dia novas formas de "copiar" são descobertas, e algumas "cópias" são tão perfeitas que o consumidor acaba levando o pirata perfeito – e não estou falando do capitão Jack Sparrow.

Nos tempos de hoje, tudo pode ser pirateado, copiado, clonado, falsificado. Mas garanto para vocês que pelo menos a crônica que estão lendo é legítima.

issuu-downloader.com

Isso é Brasil?

Empresários de elite

Angelly Moreira
3º período de Jornalismo

No Brasil (não só aqui), a economia informal está crescendo cada vez mais. Devido ao desemprego e à dificuldade de encontrar trabalho na economia formal, muitas pessoas procuram meios alternativos de ganhar dinheiro. Dentro da informalidade há vendedores, faxineiras, professores e *paparazzi*, entre outros; mas o profissional mais bem-sucedido nesses meios alternativos de ganhar dinheiro é o traficante. Isso mesmo, o traficante!

De todas as funções autônomas, talvez essa seja a mais lucrativa – e como é lucrativa!É um negócio tão bom que, como temos visto, muitos funcionários "legais" estão fazendo de tudo para entrar nessa informalidade.

Para se tornar um bom empresário da área é fácil: basta não ter caráter e, o melhor, nem precisa ter diploma escolar. Porém, é necessário ter alma empreendedora.

Este mercado é promissor, a economia é sempre estável, o produto atinge todos os níveis sociais – do baixo escalão até a *high society*. O produto não é perecível e pode ser vendido por atacado ou varejo, de acordo com a procura. O mais rentável é comercializar em festas, porta de escolas e bares nos arredores das universidades, pois o sucesso é garantido e o risco de

Reprodução

inadimplência é baixo.

O que faz esses empresários ganharem tanto dinheiro? Já te explico!

Não pagam impostos, suas empresas não precisam de CNPJ, seus funcionários não são "fixados" (a não ser pela polícia, de vez em quando) e não precisam de atestado de antecedentes criminais. Seus principais executivos estão sempre na capa dos principais jornais e são donos de vários residenciais populares. Os empresários do ramo estão sempre engajados na "questão social", da comunidade onde seus negócios estão instalados.

Todas as empresas desse segmento adotam o

> *"O que faz esses empresários ganharem tanto dinheiro? Já te explico! Não pagam impostos, suas empresas não precisam de CNPJ e seus funcionários não precisam de atestado de antecedentes criminais."*

projeto Primeiro Emprego: diariamente são recrutados centenas de menores aprendizes nas comunidades carentes. Quando atingem a maioridade, e caso decidam fazer faculdade de Direito (só essa é do interesse dos executivos, por enquanto) seus estudos são pagos e, ao término da universidade, já saem empregados na própria empresa do tráfico.

No atual estágio de capitalismo selvagem que vivemos, há quem acredite que o tráfico é o negócio do futuro, pois os manos sabem ganhar dinheiro rápido, de forma eficiente, e não se importam com a origem ou com as conseqüências da transação comercial, desde que seja lucrativa. E por fim, há uma característica bem peculiar que demonstra o "espírito prático" desses empresários do ramo. Quando têm contas a receber, eles não costumam cobrar suas dívidas no SPC/SERASA: mandam direto para o IML, sem direito a protestos.

Vida dura!

Desemprego: o eterno retorno

Grasiano Souza
3º período de Jornalismo

Falar sobre o desemprego vai ser fácil. Esta é minha atual situação no momento.

Aos 13 anos de idade comecei a trabalhar, primeiro como vendedor de picolés. Logo após, mais "adulto", já com 15 anos, era balconista no bar de uma pizzaria importante em minha cidade natal, Uberaba. Servia todos os tipos de bebidas, coquetéis e vinhos. Mas o emprego não duraria muito, pois os meus horários de aula no 2º grau passaram a ser noturnos.

Tudo o que eu queria era que sobrasse um tempinho a mais para ganhar dinheiro. Amadureci cedo, dedicava-me muito ao serviço, mas nunca dei muito valor aos estudos. Sempre pensava em trabalho, pois tinha um sonho: desde novo queria ter um carro. Carro que até hoje não consegui comprar. A necessidade de um transporte me fez repensar os gastos e acabei trocando o meu sonho pela minha primeira moto.

Assim, comecei a vida de motoqueiro com uma CG 125. Com ela, eu fazia todo tipo de entrega e carregava pessoas da central de mototaxi que meu irmão havia montado em um cômodo desocupado ao lado de nossa casa. Êta profissão de riscos! Quando chove, é certeza que você vai se molhar pra caramba no trabalho. Durante os períodos de calor, o sol queima nosso rosto. Além disso, caímos e nos machucamos constantemente. Eis aí uma pequena noção de como foi minha vida de motociclista.

Cansei de tudo aquilo e fui tentar um novo ramo: agora trabalhava de vendedor autônomo. Vendia de tudo: convênios médicos, cotas de clubes e planos assistenciais funerários. Eu passava cada apuro ao ter que induzir meus clientes a comprarem... Vivia viajando, mas a tristeza era outra: falta da família. Sempre fui muito ligado a eles. Meus laços familiares são imensos, nunca me vi morando ou vivendo longe de meus pais. Isso tanto é verdade que até hoje, com meus 26 anos de idade, faço o possível e o impossível para poder vê-los, já que moram longe.

Em meu último emprego trabalhava como vendedor de sapatos numa loja de um libanês que adorava dar calote. Saí deste emprego e, atualmente, busco outro, desta vez na área profissional que almejo: a comunicação. O mercado é muito disputado, ainda mais para um profissional não diplomado. Dificuldades aparecem em todos os momentos, devemos saber administrá-las e fazer desses empecilhos momentos de decisão. Assim, conseguimos crescer até mesmo diante das diversas frustrações.

issuu-downloader.com

Crônica da única certeza que temos

Marcos Rogério de Freitas
3º período de Jornalismo

É. Não é fácil falar nela mesmo. Há até quem diga: – *Vira essa boca pra lá*!, quando, por lapso, cogitamos que um dia fatalmente, por assim dizer, ela virá nos buscar, ou visitar.

O fato é que, ao nascermos, estamos inevitavelmente dando início à jornada que nos levará justamente ao encontro dela. Ela está lado a lado com a nossa vida, quer queiramos ou não. Não sei se você já está sabendo do que estou escrevendo, mas vão aqui mais algumas dicas: o cinema a caracteriza, muitas vezes, de forma tão caricata, gozada, que se ela fosse realmente uma mulher vestida de preto (ninguém nunca disse se a viu realmente desse jeito e comprovou, hein!) ela certamente se sentiria muito magoada. A literatura já trata um pouco mais seriamente; o comércio tem um setor especialmente criado para lidar com as pessoas que a esperam chegar. Tem até traje especial, veículo para transporte, uma decoração toda florida, um ambiente preparado com luzes de velas, quitutes, bebidas... enfim, toda uma variedade de preparativos para quando ela vier e fizer sua visita. Mas essa visita parece muito indesejada, na verdade; pois não é raro cenas de lágrimas e expressões dolorosas, mesmo com toda essa preparação. Ah, lembrei que como estamos no Brasil, existem pessoas que não têm muita condição financeira para receber esta visita com todo o requinte de que falei há pouco...

Seja anunciada, inesperada, acidental, ao nascer, na guerra, na paz, no campo e na cidade, na montanha, no mar ou no riacho, à toa ou trabalhando, querendo ou não, a visita da ceifadeira é uma verdade inexorável de todos nós, os mortais.

No dia 2 de novembro, dia que a fé escolheu para lembrar quem já se foi, talvez seja um dia para nos lembrarmos mais ainda de quem está aqui, vivo. Os que descansam eternamente não precisam de mais nada além de respeito pela sua memória; já nós, que ainda pisamos nesse chão, temos que usar – e bem – o tempo que nos é oferecido pela vida. Como? Se começássemos pela busca do ser humano melhor dentro de nós, praticássemos a verdade e a ética, não tentando tirar sempre proveito e lucro em tudo, sendo honestos com nossos ideais, não vendendo nossas almas aos demônios da ganância e soberba.

***

O fato é que, ao nascermos, estamos inevitavelmente dando início à jornada que nos levará justamente ao encontro dela.

***

Se esses larápios e estelionatários da confiança do povo entendessem que um dia a morte vem e leva a todos, sem distinção, sem ganância e preconceitos, e que aí todos terão de prestar contas de tudo o que fizeram nessa terra, os renans, sadans, bushes, coopervales e outros, quem sabe, seriam menos sedentos e nocivos pra todos nós. Eles seriam apenas lembrados com honra, glória e saudade no dia de finados, que para os simples mortais, é um dia de respeito e recordação de quem já nos deixou. E, quem sabe, como crêem alguns, eles estejam num paraíso repleto de tudo o que é bom e saudável, que nós, os ainda vivos, não fomos capazes de oferecer nessa terra de Deus.

Entre fotos

Grasiano Souza
3º período de Jornalismo

Para muitos, o dia 2 de novembro pode ser uma data muito importante. Lembranças e memórias inspiram uma grande saudade dos antigos amigos e parentes queridos que se foram.

Certo dia, em uma visita rotineira à casa de um amigo, recebi um convite bem estranho: no dia 1º de novembro, véspera do Dia de Finados, fui convidado para fotografar a mãe dele, porque naquele dia ela faria aniversário. Até aí, tudo normal. A surpresa foi descobrir que a festinha seria realizada dentro do cemitério São João Batista. E foi assim que naquele grandioso dia eu aceitei o convite e fui buscar Maria Tereza para comemorarmos seu aniversário de uma maneira diferente.

Cabelos penteados, uma maquiagem discreta e com um cheiro suave de perfume, assim se emperiquitou Maria Tereza para a sua festa. Durante nosso percurso até o cemitério ela dizia algumas coisas que eu não entendia. Nessa loucura, logo comecei a viajar: pensava como poderiam ficar as fotos da festa no cemitério? Quem a visse naqueles trajes pensaria que ela estava saindo para um passeio ou algo do tipo. Bastava olhar para a forma como se vestia e para o seu jeito de andar.

issuu-downloader.com

e lápides

Chegamos. O sol quase explodia minha cabeça ou a de quem ousasse ficar exposto ao ar livre por algum tempo. Ela andava muito, o que de certa maneira me fez, ironicamente, conhecer todos os pontos turísticos do cemitério. Lá ela se sentia uma rainha! Seus passos eram de uma graciosidade inigualável e parecia que ela estava prestes a flutuar. Maria Tereza visitou túmulos, como o de Chico Xavier, o do taxista Alfeu e de alguns outros que nem conhecia ou sequer tinha parentesco. Uma fato "crazy" é que, enquanto seguíamos nosso caminho, ela retirava uma ou duas margaridas dos túmulos pelo caminho. *Será que ela é parente do Ronaldo Esper?* - pensei comigo...

Durante todo o trajeto, mumúrios e preces eram feitas em voz alta e clara. *"Que as almas nos protejam"*. Seguimos o percurso enquanto ela me contava histórias. Quando chegamos ao túmulo de seus parentes, quase não acreditei no que vi. Ela deitou-se de uma maneira bem delicada, como se estivesse no sofá de sua casa. Ali estavam enterrados o marido, que falecera há mais de 20 anos, o sogro e a sogra e alguns cunhados e cunhadas. Fotografei todos os gestos. Ela adorava e eu me sentia o "Cara". Então eu perguntei: "Posso publicar suas fotos no jornal da faculdade?". "–Claro, será ótimo!".

Então tá!

Fotos: Grasiano Souza

issuu-downloader.com

Magra sim, cabide não!

A ditadura da moda

Lílian Veronezi
3º período de Jornalismo

De todas as ditaduras sofridas tanto pelo oriente como pelo o ocidente, a ditadura da moda é a única que se perpetua durante séculos. Considerada como um degrau para se elevar socialmente, a moda vem ditando duras regras às adolescentes que sonham com o estrelato das passarelas e viagens internacionais.

Para modelos aspirantes a Gisele Bündchen, os padrões da moda as tornam doentes e compulsivas pelo *"corpo-cabide perfeito"*. E vale de tudo, desde desenvolver uma bulimia ou anorexia, até se atracarem entre os corredores das agências. Sem contar que, se um brasileiro normal tem que trabalhar no mínimo trinta anos da sua vida para se aposentar, as modelos, têm, no máximo, até os seus vinte e cinco anos para juntarem uma boa grana para a sua aposentadoria.

> *"Até quando a coisa mais importante do mundo será o xampu que deixa o cabelo sedoso?"*

Mas as devastações que a moda causa não param por aí. Adolescentes, homens ou mulheres, se vêem presos a moldes televisivos ou comprados em revistas. Não é à toa que toda novela causa um *frisson* nos comportamentos, principalmente das mulheres. Quem não adquiriu um estilo romântico da personagem Paula, representada por Alessandra Negrini na última novela das 21h da Rede Globo? Muito improvável que essa resposta seja negativa, mas provavelmente muitas personagens, ao longo do tempo, foram recriadas pela sociedade em vitrines e etiquetas.

Porém, até quando a sociedade conseguirá se libertar da ditadura da moda? Até quando as revistas baterão recordes de vendas por causa das dicas de como as modelos mantêm o corpo perfeito? Até quando a coisa mais importante do mundo será o xampu que deixa o cabelo sedoso? O mundo de hoje, na verdade, não parece muito diferente do tempo de nossas tias e avós, que vez ou outra clamavam por liberdade, mas sempre caíam nas prisões da ditadura da moda.

Reprodução

issuu-downloader.com

Chove chuva!

Secos e molhados

Elizabeth Zago
4º período de Jornalismo

Enquanto escrevo este texto, meus pés estão ficando frios, a barra da minha calça está úmida e minha sombrinha está com cara de quem enfrentou o Katrina – e não sobreviveu. Milagre como meus objetos ainda estão secos. Tudo isso é resultado de uma senhora chuva que peguei ao vir para a faculdade.

"Quem mandou não ter carro e ser pobre?", vocês devem estar pensando. Mas não estou reclamando não. Pior seria se eu tivesse mesmo um carro e o tivesse estacionado no centro – imagino como lá deve ter chovido... Ou, pior ainda, seria se eu vivesse numa encosta de morro ou barraco de lona. Ah, meus caros, a gente não deve nunca reclamar da vida. Por mais que achemos que estamos no fundo do poço, tem sempre mais gente que está mais fundo ainda.

Mas, voltando ao assunto, pensando na água que me molhou e provavelmente me molhará de novo quando sair daqui, pensei também nas notícias que sempre vêm junto com as chuvas: alagamento, enchente, mortes, desabrigados, barrancos despencando, deslizamentos, etc, etc...

E me veio a seguinte conclusão: ou época de chuva é sinônimo de falta de assunto no jornalismo, ou brasileiro é mesmo um bichinho que só aprende a nadar – figurada e literalmente – quando sente a água bater no traseiro. E inundar a casa.

Sim, porque é sagrado: é só começar a chover que chovem as notícias básicas de gente que morreu soterrada, de chuva que alagou, que não sei quantos perderam tudo o que tinham desde a última enchente... Até as chamadas são parecidas. O que deixa claro também é que ninguém – nem governo, nem população – pensa que, se temos esses problemas hoje e tivemos no ano passado, por que deixar que no ano que vem tudo se repita? Por que não resolver de vez os problemas de habitação segura, desentupimento de bueiros, para que pessoas não virem estatísticas quando a próxima tempestade vier? Falta de recursos ou comodismo?

Até lá, o máximo que podemos fazer é rezar pra São Pedro ter um pouquinho de dó. E comprar uma sombrinha decente. E cuidar para não ficar resfriada, porque é preciso saúde para encarar novas águas, não é mesmo?

Reprodução

issuu-downloader.com

Quando criança...

Crônica: William Lima
8° período de Jornalismo

Hoje me peguei pensando na vida: os momentos gloriosos de pura felicidade em que eu e minha família compartilhávamos há 15 anos. A gente se reunia na fazenda "Mantibre", de meus avós, 20 km para lá de Conceição das Alagoas (MG), quase todos os finais de semana. O mais legal era escutar minha avó gritando: *"Sai daqui, capetada, me deixa dormir!"*. Eu e meus primos fazíamos um fuzuê o dia inteiro.

Quando criança, tudo era maravilhoso, momentos em que pés descalços ou sujos, piolho e pente fino, eram apenas detalhes. Minha mãe, à noite, interferia no pique-esconde da molecada e falava: *"Vamos tirar os piolhos, menino."* Eu sempre dava um jeito de fugir. Todavia, no final, o pente-fino sempre vencia. Hoje, tento fugir de uma juventude lúgubre.

Quando criança, as horas pareciam eternas em comparação às de hoje, quando tenho até medo de encarar o relógio. Tempo que não volta mais, tempo em que as brincadeiras eram para o dia inteiro, tempo em que não precisava ficar me preocupando com trabalho, com tirar 10 na faculdade...

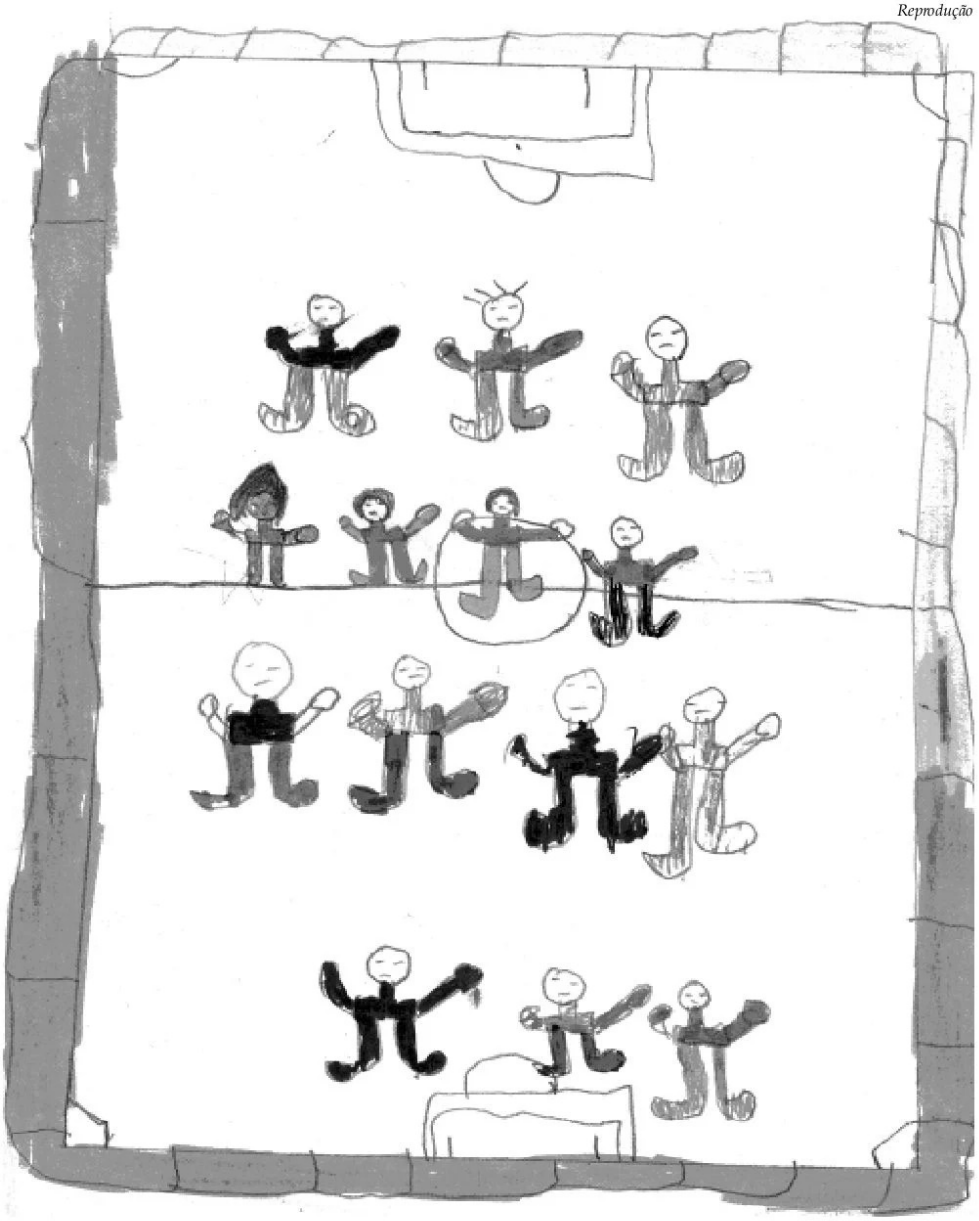
Quando criança, a inocência era pura. A única coisa que tinha medo era do pente-fino de minha mãe. Hoje, os sentimentos de destruição, vingança, egoísmo acometem cada vez mais o mundo e me causam incertezas.

Quando criança, a fazenda de meus avós parecia "a terra do nunca", de *Peter Pan*, onde tudo é possível: brincar, correr, subir em árvore, nadar no rio, andar a cavalo, voar, pegar vaga-lume e tudo aquilo que só é permitido quando se tem cinco, seis, sete, oito anos de idade – enfim, quando se é criança. Hoje, não consigo compreender as pessoas e a sociedade. Sei que a vida não é um mar de rosas, mas poderia ser mais humana.

Quando criança, achava o meu pai "o tal", o meu escudo nas brigas com os colegas da rua. Colegas que não os vejo há tanto tempo... será que estão vivos? Espero que sim! A vocês Marco Túlio, Frederico, André, muita paz – é disso que o mundo precisa. Nunca vou esquecer de você, José Eduardo Fernandes Ferreira, que foi e sempre será o meu eterno amigo, que partiu para o plano superior...

Quando criança, meus tios eram mais unidos, meus pais se amavam mais, eles eram minhas lágrimas nos momentos de choro. Hoje, choro por não ter mais meu pai e sou muito grato à minha mãe.

Reprodução



Quando criança, fiz infinitas travessuras: joguei bombinha na janela do vizinho, desliguei padrão de casas e pernas para quem tem, apertei campainha e saí correndo, sujei roupas estendidas no varal de um quintal com blocos de terra; fui pego pelo morador e obrigado a limpar... foi muito engraçado. Hoje, tenho medo de bombas que apagam vidas.

Quando criança, não sabia o que era o amor entre um homem e mulher. Observava alguns homens chorando por mulheres, principalmente nos botecos. Hoje, já senti na "pele" este sentimento não correspondido.

Quando criança, via pela TV jovens se drogando e abusando de álcool. Nem sabia o que era isso. Hoje, já me peguei andando de carro pelas ruas da cidade bêbado e sonolento. Atrocidades que não faço mais. Tenho 22 anos e estou ciente de que o tempo passa tão rápido como um ataque fulminante de uma águia.

issuu-downloader.com

Crônica da distração

Juliana Talala
6º período de Jornalismo

Reprodução

O melhor passatempo que existe é ficar observando as pessoas à sua volta. Imaginar seus nomes, idades, profissão, estado civil, quantos filhos têm, se são capricornianos ou taurinos, se leram o *Holocausto* ou *Doce veneno de escorpião.*

A maioria das vezes em que utilizo transporte coletivo e que não tenho nenhuma revista, jornal ou música para me distrair, eu adentro um mundo à parte. Crio personagens e histórias baseando-me nas características físicas, postura e vestimenta.

Na última quarta-feira, peguei o ônibus 104, do itinerário Boa Vista-Volta Grande, às 9h. Como toda canhota, me sentei do lado direito para deixar o lado esquerdo livre, caso tivesse que realizar algum movimento que exigisse velocidade e reflexo. E para conseguir descer no ponto certo, sem obstáculos, optei pela terceira poltrona antes da porta de saída.

Olhei para os lados, ninguém olhava para ninguém, ninguém dizia nada. Devia ser o horário; provavelmente haviam acabado de acordar e, talvez, alguns nem mesmo tiveram tempo de tomar o café.

Sentada em minha frente, uma moça de estatura média, cabelos cacheados, tipo Maria Fernanda Cândido, lia compenetrada o livro *"Verônica decide morrer".*

Então imaginei...

Ela deve se chamar Laura ou Clara, tem uns 21 anos, é estudante de Administração que, decepcionada por não ter passado no processo de seleção da CTBC, entrou em depressão. Preocupada, uma amiga a presenteou com o livro de auto-ajuda.

Mais um ponto, o ônibus pára.

Uma moça de cabelos tingidos de loiro, calça jeans, regata branca e bolero rosa sobe pelas escadas, quebrando o silêncio.

O cobrador, todo entusiasmado, faz elogios demasiados;

- Princesa... Linda...

Provavelmente, quando criança, não foi muito bonita. O que a fez receber muitos apelidos. Agora que tem o corpo formado optou por atenuá-lo, a despeito das críticas na infância.

Mal passa a catraca, avista uma amiga;

- Oi, amiga!
- Vai ao show do Victor e Leo?
- Eu vou.

Mais uma parada.

Sobe um rapaz trajando o uniforme das Casas Bahia, que passa pela catraca tirando os óculos e se achando um "Dom Juan de Marco".

Sem lugar ao lado das mais bonitas, sentou-se ao meu lado.

A partir daí não pude mais continuar com meu passatempo, pois, ele não parava de me olhar.

Eu, sem jeito, não podia olhar para os lados, ou ele acharia que eu estava correspondendo. Para completar, eis que o funcionário das Casas Bahia me canta, com uma cantada típica de operário de obras;

- Você tem horas?
- Desculpe, não tenho relógio.
- Também não precisa, porque ganhei meu dia sentando ao seu lado.

Fiquei em silêncio. Não sabia o que retrucar.

E esse silêncio foi me constrangendo, enquanto ele não parava de olhar.

Até que enfim meu ponto!

Pedi licença para me levantar. Ele me concedeu. Eu agradeci.

Mas ele não se conteve e soltou mais uma na despedida:

- Tchau, linda, a gente se esbarra por aí.

Ao descer, me senti aliviada por não estar mais na companhia daquele que nem mesmo tive tempo de construir um personagem.

> *"E para conseguir descer no ponto certo, sem obstáculos, optei pela terceira poltrona antes da porta de saída... A partir daí não pude mais continuar com meu passatempo, pois, ele não parava de me olhar."*

issuu-downloader.com

Eu sou capoeira!

Pedro H. Perassi de Oliveira
7º período de Jornalismo

Pedro Perassi

Mestre Crei (sentado, à direita) orienta a formação da roda de capoeira

O professor Crei estava visivelmente cansado. Chegou quietinho, com um dos seus alunos, foi para o canto da sala e começou a envergar um berimbau. O instrumento que comanda a roda de capoeira, dita o ritmo do jogo. Feito com uma vara de madeira, um arame e uma cabaça. Tem a aparência semelhante à de um arco. A cabaça, responsável pela acústica do instrumento, pode ser de vários tamanhos, quanto maior, mais grave é o som do berimbau.

Enquanto isso, professor Roqueiro instruía um grupo de alunos. Fazia movimentos simples e explicava de forma detalhada a mecânica por trás de cada um deles. "Vocês se preocupam tanto em aplicar golpes, mas não podem esquecer da esquiva", avisava o professor. Crei, no canto do salão recebia cumprimentos de alguns alunos.

Terminado o treinamento, chegou a hora da roda. Com o berimbau em mãos, Crei orienta a formação da roda e se dirige ao fundo da mesma. O som do berimbau ecoa por toda a academia, seguido pelo atabaque, pandeiro e, por fim, pelas palmas dos capoeiristas. Dois jogadores se agacham aos pés de Crei, aguardando o sinal para que o jogo se inicie.

Gleisson Marques Gonçalves Costa, conhecido na capoeira como Crei, é um homem alto, forte e negro. Sua estrutura corpórea impressiona. Calado, Gleisson parece estar sempre com pressa, sempre correndo. Apesar disso, sua fala é sempre serena e transmite calma, uma contradição com seu porte físico.

"A capoeira é minha filosofia de vida". E foi através dessa filosofia que Gleisson encontrou forças para alcançar seus objetivos. Além de capoeirista, é professor de história e informática. Uma pessoa dedicada totalmente à educação. O conheci na Universidade, em um seminário do curso de História. Como é comum em eventos desse tipo, houve uma apresentação cultural, na ocasião, a puxada de rede e o maculelê.

Inspirado na vida dos pescadores do litoral brasileiro, o teatro folclórico da puxada de rede é um espetáculo de grandiosa beleza. Embalados por cânticos, os atores representam o drama de um grupo de pescadores que perde um companheiro para o mar. Em seguida, os impressionantes facões e a dança do maculelê. A dança esconde uma forma de luta, os participantes usam bastonetes de madeira para desferir e defender os golpes de forma sincronizada. Alguns substituem a madeira por facões que proporcionam um espetáculo à parte, por conta das faíscas resultantes de seu encontro no ar.

Nessa ocasião, após a apresentação, Gleisson deixa a roupa de capoeirista e se torna estudante de história. Capoeira e história se unem na vida do educador e divulgador da cultura nacional. "A gente fala que a capoeira é um jogo e eu não jogo só na roda, eu jogo o tempo todo. A vida é um jogo. Quando o capoeirista se vê em uma situação complicada ele tem facilidade de sair do problema e eu sempre tento fazer essa associação na minha profissão".

Crei iniciou na capoeira em 1993 em uma creche com o mestre Geraldo, pelo grupo liberdade. Em pouco tempo aprendeu a jogar e começou a dar aula, fazendo da capoeira seu estilo de vida. Passou para o grupo Ave Branca, onde treinou por muitos anos, até que houve uma dissolução do grupo na cidade de Uberaba. Crei ficou sem grupo por um tempo e, junto com o amigo Jean Roberto de Oliveira, o Roqueiro, conheceu o Centro Cultural de Capoeira Raízes do Brasil, coordenado pelo mestre Ralil.

Em 2002, Crei e Roqueiro implantam em Uberaba a metodologia do Raízes do Brasil, tentando resgatar a cultura da capoeira, através de manifestações como o jongo, o maculelê e a puxada de rede. O principal objetivo de Crei é, através de todo o suporte fornecido pelo Raízes do Brasil, divulgar a capoeira como a arte-luta brasileira e toda a cultura que já está enraizada na vida dos capoeiristas pelo mundo.

"As pessoas não valorizam a capoeira, muitas vezes a gente prefere valorizar outra cultura, como a oriental, e renega aquilo que é nosso. A capoeira é genuinamente brasileira". Nascida nas senzalas, a capoeira é o grito de libertação de um povo. Os negros eram trazidos das colônias africanas para o Brasil em navios, vindos de diferentes lugares do continente. Dessa mistura de culturas africanas surgiu uma cultura afro-brasileira, com influência dos nativos e de elementos europeus. A capoeira é o retrato desse Brasil transculturado.

Os negros, ávidos por liberdade, desenvolveram uma luta matreira, cheia de esquivas e ataques. Foi nos quilombos que essa arte ganhou força. Essas comunidades eram formadas por todos aqueles que buscavam liberdade. Negros, em maior número, junto com brancos e índios formaram a identidade dos quilombolas.

Com o fim da escravidão, essas pessoas não tiveram muitas oportunidades e, inevitavelmente, foram marginalizadas, relegadas à periferia da sociedade. Aqueles que se dedicavam à capoeira possuíam uma vantagem sobre os demais, valendo-se da habilidade para o crime. Formaram as maltas, grupos que promoviam saques e aterrorizavam as populações. A partir daí, a prática da capoeira foi considerada crime pelo Código Penal Brasileiro.

Mestre Bimba organizou a capoeira, criou um método de ensino, de jogo, se apresentou em vários locais e conseguiu que Getúlio Vargas legalizasse o esporte. Ainda assim, a imagem negativa da capoeira ficou marcada na cabeça da sociedade brasileira, passando de geração a geração com o estigma de uma arte de baderneiros e vagabundos.

Gleisson traz na pele e no olhar essa história. Ainda menino, quando começou na capoeira, não teve o apoio da família. Mas com seriedade e trabalho foi conquistando respeito e estendendo-o à capoeira. Com isso, deu início a uma série de projetos sociais. Crei gosta de ensinar capoeira para crianças, pois acredita na arte-luta como formadora de cidadãos com caráter e dignidade. Exalta a disciplina e o respeito como grandes qualidades do verdadeiro capoeirista.

Após trabalhar o dia todo no Educandário Menino Jesus de Praga, onde, além da capoeira, leciona informática em um projeto de inclusão digital. Deu duas aulas de capoeira no Colégio Nossa Senhora das Dores e foi para a roda do mês na academia. Ele estava visivelmente cansado, mas pegou o berimbau e organizou a roda, junto com o professor Roqueiro. Tocou, cantou, bateu palmas e fez aquilo que mais gosta, jogou capoeira.

issuu-downloader.com

"Crossing over" cultural

João Marcos Lacerda
3º Ano do Ensino Médio
Liceu Albert Einstein

Fotos e montagem: Graziella Tavares

Segundo a biologia, o fenômeno conhecido como "crossing over" é a troca genética que ocorre entre dois cromossomos através dos genes. Nesse caso, algumas informações genéticas contidas em um cromossomo se transferem para o outro por meio do contato entre eles, o mesmo ocorre com o outro, havendo então uma troca de informações genéticas.

Fazendo uma comparação com esse processo biológico, o maior acesso dos negros e de pessoas carentes às faculdades só fazem somar em todos os aspectos. Pois o fim do preconceito e das injustiças sociais se dá através do maior acesso à informação e uma educação de melhor qualidade.

Com as diferenças didáticas minimizadas, e a crescente facilidade ao acesso à informação, pessoas menos favorecidas socialmente terão mais capacidade de defender seus direitos e suas idéias perante uma minoria atrasada de pessoas presas aos moldes coloniais. Essa miscigenação intelectual beneficia a essência da idéia, que passa a surgir de pontos de vista diferenciados, de pessoas que defendem os interesses de sua classe social.

Já avançamos muito no que se trata de preconceito racial em nosso país, porém mesmo com leis cada vez mais severas a fim de punir tais condutas, o que se vê, na prática, ainda está longe do que promete a ideologia. Podemos verificar, por exemplo, o fato de mesmo ocupando os mesmos cargos, o salário de negros e de mulheres ainda é inferior ao salário pago aos homens brancos.

Como se não bastasse, recentemente nos deparamos com declarações racistas e infundadas de uma grande autoridade científica, que afirma que "os negros têm desempenho pior que os brancos em testes de inteligência", e como prova usa um argumento totalmente subjetivo: "quem já trabalhou com negros sabe que eles têm mais dificuldade de entender as coisas que os brancos".

Atitudes como essas só fazem regredir os avanços conquistados ao longo do tempo no que se trata de diminuir as diferenças sociais entre brancos e negros. O que alerta para o fato de que muito ainda deve ser feito para que sejam assegurados aos negros os seus direitos. Assim, facilitar o acesso deles à uma formação universitária já é um bom avanço.

issuu-downloader.com

Cronicamente inviável

Nunca antes neste país

Alliny Araújo
Felipe Ayer de Negri
3º período de Jornalismo

Que país é esse, que se escandaliza com as fotos dos pentelhos de um travesti e não reage à impunidade no Senado? Enquanto Rogéria expunha apenas suas particularidades, sem afetar diretamente a população, éramos ridicularizados mundialmente pela falta de vergonha dos nossos senadores que não condenaram um ato de descaramento absurdamente maior do que qualquer órgão genital masculino.

As pessoas se ofendem ao ver fotos de um nu exótico, ficam indignadas, retiram conteúdos considerados pornográficos de exposições, mas simplesmente cruzam os braços e balbuciam lamúrias inúteis ao lerem notícias sobre dinheiro público usado para o bel-prazer do nosso ilustríssimo político usuário de hidratante à base de óleo de peroba. Deveríamos, sim, nos sentirmos extremamente ofendidos em nossa moral patriarcal e católica, apostólica, romana, ao precisarmos ser alertados pela Anistia Internacional sobre o ato absurdo e desumano de se aprisionar uma menina de 15 anos em uma cela com vários animais-homens no cio, oferecendo na bandeja a carne de uma debutante aos desejos maníacos sexuais.

Que país é esse onde somos enganados, bebendo soda e água oxigenada, fantasiadas de leite, onde esperamos morrer 354 pessoas para se tomar uma pseudo-atitude sobre o caos aéreo, onde processamos e julgamos um macaco e praticamente ignoramos homens frios e calculistas, que nos roubam, matam e destroem nossa dignidade e liberdade?

Ah senhores, enquanto nossa história é pirateada e contada com palavrões e termos chulos através da nossa *Tropa de Elite*, ainda nos deixamos alienar pelos enlatados "bushianos", preferindo o jardim de inverno do vizinho americano à nossa floresta amazônica.

Enfim, companheiros e companheiras, que país será esse se a população não aprender a desmistificar paradigmas e ideologias, a dar valor à leitura, ao conhecimento e, por último, e não menos importante, aprender a ser um povo cidadão, consciente, crítico e devidamente civilizado?

issuu-downloader.com